

O PECADO

I João 3:4 O pecado é a transgressão da lei.

Aquele que desejar ter corretos pontos de vista sobre a santidade cristã terá de começar examinando o vasto assunto do pecado. Terá de cavar bem fundo, se quiser construir um edifício bem alto. Um equívoco quanto a esse particular é extremamente prejudicial. Conceitos errôneos sobre a santidade geralmente advêm de ideias distorcidas quanto a corrupção humana. Não me desculpo por começar estes estudos acerca da santidade mediante algumas firmes declarações a respeito do pecado.

A verdade nítida é que o correto conhecimento do pecado jaz à raiz de todo o cristianismo salvático. Sem isso, doutrinas como justificação, conversão e santificação serão apenas "palavras e nomes" que não transmitem qualquer sentido à nossa mente. Portanto, a primeira coisa que Deus faz quando quer fazer alguém tornar-se uma nova criatura em Cristo é iluminar-lhe o coração, mostrando-lhe que ele é um pecador culpado.

A criação material, segundo o livro de Gênesis, começou com a "luz"; isso também acontece no caso da criação espiritual. **Gênesis 1:3 3 Disse Deus: Haja luz; e houve luz.**

Deus mesmo "resplandeceu em nossos corações" mediante a obra do Espírito Santo, e então teve começo a vida espiritual. **II Coríntios 4:6 Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.**

Pontos de vista indistintos ou mal definidos do pecado são a origem da maioria dos erros, das heresias e das doutrinas falsas de nossos dias. Se um homem não percebe a natureza perigosa da doença de sua alma, ninguém poderá admirar-se de que ele se contente com remédios falsos ou imperfeitos.

Acredito que uma das principais necessidades da Igreja, neste nosso século, tem sido e continua sendo um ensino mais claro e completo sobre o pecado.

1. Começarei o assunto fornecendo alguma definição de pecado.

Naturalmente, todos estão familiarizados com os termos "pecado" e "pecadores". Com frequência dizemos que o "pecado" está no mundo e que os homens cometem "pecados". Porém, o que queremos dizer com essas palavras e frases? Sabemos realmente? Temo que há muita nebulosidade e confusão mental quanto a esse particular.

Permita-me tentar suprir a resposta da forma mais breve possível.

Afirmo, pois, que "pecado", falando de modo geral, é:

- A falha e a corrupção da natureza de cada ser humano – **Romanos 3:23 pois todos pecaram e carecem da glória de Deus.**
- À partir da natureza de Adão em nós – **I Coríntios 15:21 Visto que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos.**
- Mediante o que o homem muito se afasta da retidão original – **Isaías 59:2 Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça.**
- Pois faz parte de sua natureza inclinar-se para o erro – **Romanos 7:18-19 Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço. Mas, se eu faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, e sim o pecado que habita em mim.**
- De tal modo que a carne sempre milita contra o espírito – **Gálatas 5:17 Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer.**

E, assim sendo, em cada pessoa que nasce neste mundo o pecado merece a ira e a condenação de Deus.

Em suma, o pecado é aquela vasta enfermidade moral que afeta a raça humana inteira, de todas as classes e níveis das nações, povos e línguas - uma enfermidade da qual apenas um único homem nascido de mulher esteve isento.

O Senhor Jesus Cristo é esse único Homem.

Digo, ademais, que "o pecado", falando mais particularmente, consiste em praticar, dizer, pensar ou imaginar qualquer coisa que não esteja em perfeita conformidade com a mente e a lei de Deus.

I João 3:4 O pecado é a transgressão da lei.

O menor desvio interno ou externo de um absoluto paralelismo matemático com a vontade e o caráter revelados de Deus constitui um pecado, e imediatamente nos torna culpados aos olhos de Deus.

Tiago 2:10 Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos.

Naturalmente, não preciso dizer a qualquer um que lê a sua Bíblia com atenção que um homem pode quebrar a lei de Deus em seu coração e em seus pensamentos, mesmo quando não há qualquer ato externo e visível de iniquidade. Nosso Senhor resolveu a questão sem deixar dúvidas, ao proferir o Sermão do Monte (Mt. 5:21-28). Até mesmo um de nossos poetas disse, com toda a verdade: "Um homem pode sorrir, sorrir e ainda ser um vilão". (Campanha sobre alcoolismo)

Novamente, não preciso dizer a um estudante cuidadoso da Bíblia que há pecados de omissão tanto quanto de comissão, e que pecamos, tal como diz o nosso livro de oração, ao "deixar por fazer as coisas que deveríamos fazer" tanto quanto ao "fazer aquilo que não deveríamos".

Romanos 7:19 Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço.

As solenes palavras do Mestre, no evangelho de Mateus, também deixam a questão sem sombras de dúvidas. **Mateus 25:41-43 Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de**

beber; sendo forasteiro, não me hospedastes; estando nu, não me vestistes; achando-me enfermo e preso, não fostes ver-me.

Um arcebispo, pouco antes de sua morte: "Senhor, perdoa-me todos os meus pecados, sobretudo os meus pecados de omissão".

É necessário lembrar aos leitores que um homem pode cometer um pecado e, no entanto, fazê-lo por ignorância, julgando-se inocente quando na realidade é culpado.

Não consigo encontrar qualquer garantia nas escrituras para a moderna afirmativa que "o pecado não é pecado enquanto não o percebermos e tomarmos consciência dele".

Pelo contrário, nos capítulos quarto e quinto daquele livro muito negligenciado, Levítico, bem como em Números 15, vejo Israel sendo distintamente instruído de que havia pecados de ignorância que tornavam as pessoas imundas e que precisavam ser expiados.

(Lv. 4:1-35; 5:14-19; Nm. 15:25-29).

E também encontro o Senhor ensinando expressamente que o servo que não soube da vontade do seu senhor, e não agiu conforme essa vontade, não será desculpado de sua ignorância, mas castigado (Lc 12:48).

Faríamos bem em lembrar que, fazendo de nosso conhecimento e de nossa consciência miseravelmente imperfeitos a medida de nossa pecaminosidade, estamos pisando em terreno perigoso.

2. Concernente à origem e fonte dessa vasta enfermidade moral chamada "pecado", temo que as ideias de muitos crentes professos quanto a esse particular, são tristemente defeituosas e doentias.

Por isso devemos fixar em nossas mentes que a pecaminosidade de um homem não começa pelo lado de fora, e, sim, pelo lado de dentro.

Também não resulta de mau treinamento nos primeiros anos de vida. Não se adquire com más companhias e maus exemplos, conforme alguns crentes fracos costumam dizer. Não!

Trata-se de uma enfermidade de família que herdamos dos nossos primeiros pais, Adão e Eva, e com a qual todos já nascemos. Criados "à imagem de Deus" e inocentes a princípio, nossos pais caíram da justiça original e tornaram-se pecaminosos e corruptos. E desde aquele dia, homens e mulheres nascem segundo a imagem de Adão e Eva decaídos, herdando um coração e uma natureza inclinados ao pecado.

Romanos 5:12 Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram.

Efésios 2:3 entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais.

João 3:6 O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito.

Romanos 8:7 Por isso, o pendor da carne é inimizado contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar.

Marcos 7:21 Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios.

O mais lindo bebê do mundo que se tornou o raio-de-sol de uma família, não é, como sua mãe o chama com muito amor, um "anjinho" ou um "inocentinho", e, sim, um "pecadorzinho". Infelizmente, enquanto jaz sorrindo no seu berço, a criaturinha leva em seu coração as sementes de todo tipo de iniquidade! Basta que fiquemos observando com cuidado, conforme cresce em estatura e sua mente se desenvolve, e descobriremos nela uma incessante tendência para o que é mau e uma grande hesitação quanto ao que é bom. Poderemos ver nisso os botões e os germens do engano, do mau temperamento, do egoísmo, da voluntariedade, da obstinação, da cobiça, da inveja, do ciúme, da paixão - tudo o que, se alimentado e deixado à vontade, prolifera com dolorosa rapidez. Quem ensinou à

criança essas coisas? Onde as aprendeu? Só a Bíblia pode responder a essas perguntas! Dentre todas as coisas tolas que os pais dizem sobre seus filhos nenhuma é pior do que a declaração comum: "Meu filho, lá no fundo, tem um bom coração. Ele não é o que deveria ser; apenas caiu em más companhias. As escolas são lugares ruins. Os professores negligenciam as crianças. Contudo, no fundo, ele tem um bom coração". A verdade, infelizmente, é exatamente o contrário. A primeira causa de todo pecado jaz na corrupção natural do próprio coração da criança e não na escola.

3. No tocante à extensão dessa vasta enfermidade moral do homem, chamada pecado, cuidemos para não errar.

A única base segura é aquela dada pelas Escrituras.

Gênesis 6:5 Viu o SENHOR que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração.

Jeremias 17:9 Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?

O pecado é um mal que permeia e percorre todas as partes de nossa constituição moral, bem como cada faculdade de nossas mentes. A compreensão, os afetos, os poderes de raciocínio, a vontade, está tudo em certa medida infeccionado pelo pecado. A própria consciência está tão cega, que dela não se pode depender como guia seguro; tanto pode conduzir o homem para o erro, quanto para o que é certo, a menos que a consciência seja iluminada pelo Espírito Santo. Em resumo, **Isaías 1:6 Desde a planta do pé até à cabeça não há nele coisa sã, senão feridas, contusões e chagas inflamadas, umas e outras não espremidas, nem atadas, nem amolecidas com óleo.**

O mal pode ser velado sob uma fina cortina de cortesia, polidez, boas maneiras, ou decoro exterior; mas jaz profundamente em nossa constituição.

O homem tem ainda grandes e nobres faculdades, e demonstra imensa capacidade nas artes, ciências e literatura. Porém, permanece o fato que nas coisas espirituais o homem está totalmente "morto", destituído de qualquer conhecimento, amor ou temor a Deus. As excelências do homem estão de tal modo mescladas com a corrupção, que o contraste somente põe em destaque a verdade e a extensão da queda.

Que a mesma, criatura seja tão elevada em algumas coisas e tão vil em outras; tão grande, mas tão pequena; tão nobre, mas também tão falsa; tão notável em sua concepção e execução de coisas materiais, mas tão baixa e rasteira em seus afetos, capaz de planejar e erigir edifícios como as pirâmides no Egito, ou o Partenon de Atenas, e, no entanto, adorar deuses e deusas imorais, pássaros, feras e répteis, produzir obras literárias maravilhosas, e, no entanto, ser escrava de vícios abomináveis como aqueles descritos no primeiro capítulo da epístola aos Romanos.

Tudo isso tem servido de profunda perplexidade para aqueles que zombam da "Palavra escrita de Deus", escarnecendo de nós como bibliólatras. Porém, esse é um nó que podemos desmanchar com a Bíblia na mão. Podemos reconhecer que o homem tem todos os sinais de um templo majestoso em sua pessoa; um templo no qual Deus antes habitou, mas que agora jaz em completas ruínas; um templo no qual uma janela despedaçada aqui, ou uma entrada acolá, ou uma coluna derrubada ali adiante, ainda nos dá uma pálida ideia da magnificência do plano original, embora, de uma extremidade à outra, tenha perdido a sua glória e decaído de seu exaltado estado anterior.

Afirmamos que coisa alguma soluciona o complicado problema da condição humana, senão a doutrina do pecado original e os esmagadores efeitos da queda.

Cada parte do mundo dá testemunho do fato que o pecado é a enfermidade universal de toda a humanidade. Se pesquisarmos o globo de leste a oeste e de polo a polo, em todas as nações de todos os climas, nos quatro quadrantes da terra, se procurarmos em cada classe

e nível da sociedade de nosso próprio país, do mais elevado ao mais humilde, e, sob cada circunstância e condição, o relatório será sempre o mesmo. As mais remotas ilhas no oceano Pacífico, completamente separadas da Europa, da Ásia, da África e da América, fora do alcance do luxo oriental e da arte e literatura ocidentais; ilhas habitadas por povos que ignoram livros, dinheiro, vapor e eletricidade; não contaminados pelos vícios da civilização moderna - existentes nestas ilhas remotas, quando descobertas, têm sido encontradas as piores formas de concupiscência, de crueldade, de engodo e de superstição. Se seus habitantes não conhecem outra coisa, pelo menos conhecem o pecado!

Jeremias 17:9 Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?

Da minha parte, desconheço prova mais decisiva da inspiração do livro de Gênesis e do relato mosaico sobre a origem do homem do que o poder, a extensão e a universalidade do pecado. Se admitirmos que a humanidade inteira deriva-se de um único casal, e que esse casal caiu no pecado (conforme nos diz Gênesis 3), o estado da natureza humana por toda parte pode ser facilmente explicado. Mas, se negarmos esse fato, conforme muitos o fazem, imediatamente nos veremos envolvidos com inexplicáveis dificuldades. Em resumo, a uniformidade e universalidade da corrupção humana supre uma das mais incontestáveis instâncias das enormes "dificuldades que os incrédulos têm de enfrentar".

A maior prova da extensão e poder do pecado é a persistência com que se apegam ao homem, mesmo depois deste ser convertido e tornar-se alvo das operações do Espírito Santo. A infecção da natureza permanece, mesmo nos regenerados.

Tão profundamente implantadas estão as raízes da corrupção humana que, mesmo depois de termos sido regenerados, renovados, lavados, santificados e justificados, feitos membros vivos de Cristo, essas, raízes permanecem vivas no fundo de nossos corações, e,

tal qual o mofo nas paredes de uma casa, nunca nos livraremos dessas coisas, enquanto não for dissolvida esta casa terrestre deste nosso tabernáculo. (Minha casa em SP).

Sem dúvida, o pecado não mais exerce domínio no coração do crente. Está contido, controlado, mortificado e crucificado pelo poder da graça divina. A vida do crente é uma vida de vitória e não de fracasso. Mas os próprios conflitos que continuam em seu peito, a luta em que ele se vê empenhado a cada dia, a vigilância que ele é forçado a exercer sobre seu homem interior, a guerra entre a carne e o espírito, os "gemidos" íntimos que ninguém conhece senão aquele que os experimenta, mostra o enorme poder e a vitalidade do pecado. Feliz é o crente que compreende isso, e, enquanto se regozija em Cristo Jesus não tem confiança na carne; e, ao mesmo tempo em que diz: "Graças a Deus que nos dá a vitória", nunca se esquece de vigiar e orar para não cair em tentação!

4. Acerca da culpa, da maldade e da ofensa do pecado aos olhos de Deus, não penso que, na natureza das coisas, o homem mortal possa perceber toda a imensidão do pecado, aos olhos do Deus santo e perfeito a quem teremos de prestar contas. Por um lado, Deus é o Ser eterno que "aos seus anjos atribui imperfeições", e à cuja vista nem os céus são "puros". Ele é Aquele que lê os pensamentos e os motivos, e não só as ações, e que requer "a verdade no íntimo" (Jó 4:18; 15:15; Sl. 51:6). Nós, por outro lado - criaturas pobres e cegas, hoje e amanhã, nascidos no pecado, cercados de pecadores, vivendo em uma constante atmosfera de fraqueza, enfermidade e imperfeição - não podemos formar senão os mais inadequados conceitos sobre o pecado. Não dispomos de prumo para sondá-la, e nenhuma medida pela qual possamos medi-la. Um cego não pode ver a diferença entre uma obra prima de um autor famoso ou um desconhecido. Um surdo não pode distinguir entre um apito soprado por uma criança e um órgão de catedral. Os próprios animais, cujo odor nos é bastante ofensivo, não têm a menor ideia de que são tão mau cheirosos, e nem parecem tais uns para os outros. E o homem, o homem caído, não tem noção de quão vil

coisa é o pecado aos olhos de Deus, cujas obras são absolutamente perfeitas - perfeitas sem importar se as examinamos pelo telescópio ou pelo microscópio; perfeitas tanto na formação de um gigantesco planeta como Júpiter, com seus satélites, que marca o tempo até milésimos de segundo enquanto gira em torno do sol, quanto na formação do mais minúsculo inseto que se arrasta alguns centímetros pelo chão. Não obstante, fixemos na mente, com firmeza, que o pecado é aquela "coisa abominável" que Deus aborrece, e que Deus é "tão puro de olhos que não pode ver o mal", que qualquer que tropeçar em um só ponto (da lei de Deus) se torna culpado de todos, que "a alma que pecar, essa morrerá", que "o salário do pecado é a morte", que Deus "julgará os segredos dos homens", que há um lugar onde nunca "morre o verme e nem o fogo se apaga", que "os perversos serão lançados no inferno" e que "irão estes para o castigo eterno", porquanto nos céus "nunca jamais penetrará coisa alguma contaminada, nem o que pratica abominação e mentira" (Jr. 44:4; Hc. 1:13; Tg. 2:10; Ez. 18:4; Rm. 6:23; 2:16; Mc. 9:44; Sl. 9:17; Mt. 25:46 e Ap. 21:27). Essas são, realmente, palavras tremendas, quando consideramos que foram escritas no Livro do Deus misericordiosíssimo! Nenhuma prova da amplitude do pecado é tão avassaladora e incontestável, afinal de contas, como a cruz da paixão de nosso Senhor Jesus Cristo bem como a doutrina inteira de Sua substituição e expiação. Terrivelmente negra deve ser a culpa pela qual coisa alguma, senão o sangue do Filho de Deus pode fazer satisfação. Pesadíssima deve ser a carga do pecado humano que fez Jesus gemer e suar gotas de sangue, na agonia do Getsêmani, e clamar no Gólgota: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt. 27:46). Estou convencido de que nada nos espantará tanto, quando despertarmos no dia da ressurreição, quanto a visão que teremos do pecado e o retrospecto que nos será dado de nossos próprios incontáveis defeitos e delitos. Somente quando Cristo vier pela segunda vez perceberemos realmente a "pecaminosidade do pecado". "O hino no céu será: Que coisas tem feito Deus!" (Nm. 23:23).

5. Resta- apenas um ponto a ser considerado sobre o assunto do pecado, e que não ouse esquecer. Esse ponto é a sua propensão para enganar. Trata-se de algo de capital importância e aventuro-me a pensar que não tem recebido a atenção que merece. Podemos ver esse engano na espantosa inclinação dos homens para considerarem o pecado como menos pecaminoso e perigoso do que ele é à vista de Deus e, em sua prontidão para enfraquecê-lo, apresentando justificativas minimizantes de sua culpa - "É apenas um pecadinho! Deus é misericordioso! Deus não é tão severo que venha a cobrar pelo que for feito de errado! Nossa intenção era boa! Ninguém pode ser assim tão exigente! Onde está o grande prejuízo causado? Estamos agindo como todo mundo!" Quem não está familiarizado com essa linguagem? Podemos vê-la na longa lista de palavras e frases suaves que os homens têm cunhado para designar as coisas que Deus chama claramente de iníquas e ruinosas para a alma. O que significam palavras como "precipitado", "folgazão", "amalucado", "inconstante", "impensado" e "frouxo"? Elas demonstram que os homens procuram enganar-se, crendo que o pecado não é tão pecaminoso como

28

Santidade

Deus diz. Podemos ver isso até mesmo na tendência que os crentes têm de permitir que seus filhos se ocupem com práticas duvidosas, fechando os olhos para os inevitáveis resultados do amor ao dinheiro, da falta de seriedade diante da tentação, da permissão a baixos padrões de vida cristã. Temo que não percebemos de modo suficiente a extrema sutileza da nossa doença de alma. Somos rápidos em esquecer que a tentação ao pecado raramente se apresenta diante de nós em suas verdadeiras cores, dizendo-nos: "Sou o teu inimigo mortal e quero arruinar-te para sempre no inferno", Oh, não! o pecado aproxima-

se de nós à semelhança de Judas, com um ósculo, ou como Joabe, com a mão espalmada e palavras de lisonja. O fruto proibido pareceu tão bom e desejável para Eva; e, no entanto, fê-la ser expulsa do Éden. Ficar andando ociosamente no pátio de seu palácio parecia algo inocente para Davi, mas terminou em adultério e homicídio. O pecado raramente parece ser pecado, logo no começo. Por isso vigiemos e oremos para não cairmos em tentação. Podemos disfarçar a iniquidade com nomes suaves, mas não podemos alterar sua natureza e caráter aos olhos de Deus. Lembremo-nos das palavras do escritor sagrado: "Pelo contrário, exortaivos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado" (Hb. 3:13). É sábia aquela oração que diz: "Senhor, livra-nos dos enganamentos do mundo, da carne e do diabo".

Agora, antes de prosseguir, permita-me mencionar de modo breve dois pensamentos que me parecem levantar-se com força irresistível diante desse assunto.

Peço que meus leitores observem as profundas razões que temos para nos humilharmos e rebaixarmos. Sentemo-nos diante do quadro do pecado que a Bíblia exhibe diante de nós, e consideremos quão culpadas, vis e corruptas criaturas todos nós somos aos olhos de Deus. Quão grande é a necessidade que temos daquela total mudança de coração chamada regeneração, novo nascimento ou conversão! Que massa de fraqueza e imperfeição apegasse ao melhor do nosso ser, quando nos mostramos mais excelentes! Quão solene é o pensamento: "... a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hb. 12:14). Quanto motivo temos de clamar, tal como o publicano, a cada noite de nossas vidas, quando pensamos em nossos pecados de omissão tanto quanto nos de comissão: "Ó Deus, sê propício a mim, pecador!" (Lc. 18:13). Quão admiravelmente apropriados são os textos do livro de orações a respeito da real condição de todos os crentes professos! Quão adequada é a linguagem do nosso livro de orações para o membro de igreja, quando se aproxima da mesa da Ceia do Senhor: "A memória de nossos maus feitos nos enche de pesar; a carga é

intolerável. Tem misericórdia de nós, tem misericórdia de nós, misericordiosíssimo Pai; por Teu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, perdoa-nos todo o nosso passado". Quão verda-

Pecado

29

deiro é que o mais aperfeiçoado santo para si mesmo parece um miserável pecador, um devedor diante da misericórdia e da graça, até o último momento de sua existência!

De todo coração aprovo aquela passagem no sermão de Hooker sobre a justificação, onde ele começa dizendo: " ... que consideremos as melhores e mais santas coisas que praticamos. Nunca nos sentimos mais próximos de Deus do que quando oramos; mas, quando oramos, por quantas vezes nossa atenção é distraída! Quão pequena reverência mostramos diante da grandiosa majestade do Deus com Quem falamos! Quão pouco remorso sentimos por nossas misérias! Quão pouco provamos da doce influência de Suas ternas compaixões! Ao orar não hesitamos muitas vezes em começar, e frequentemente não nos alegramos por terminar, como que dizendo: "Deus nos impôs uma tarefa muito cansativa quando recomendou que clamássemos a Ele"? Aquilo que vou dizer poderá parecer extremado para alguns. Portanto, que cada um julgue-o em seu próprio coração, e não de outro modo qualquer; farei apenas uma exigência! Se Deus se aproximasse de nós, não como fez com Abraão, se cinquenta, quarenta, trinta, vinte ou se dez pessoas boas pudessem ser encontradas em uma cidade, ela não seria destruída por causa dessas dez. Mas, se Ele nos fizesse uma ampla proposta assim: Rebuscai todas as gerações dos homens, desde a queda de vosso antepassado Adão, e se encontrardes um único homem que tenha feito uma só ação realmente pura, sem qualquer mancha ou defeito, a consequência dessa única ação será que nem homens e nem anjos teriam de experimentar os tormentos preparados para ambos. O leitor pensa que esse resgate capaz de livrar homens e anjos

podia ser encontrado entre os filhos dos homens? Até nas melhores coisas feitas pelos homens existem impurezas que carecem de ser perdoadas?" (Learned Discourse on Justification - Discurso Erudito sobre a Justificação - Hooker).

Esse testemunho é verdadeiro. De minha parte, estou persuadido de que quanto maior luz recebemos tanto mais percebemos nossa própria pecaminosidade. Quanto mais nos avizinhamos do céu tanto mais somos revestidos de humildade, Em todas as eras da Igreja será encontrado como uma verdade, se estudarmos biografias, que os santos mais eminentes - homens como Bradford, Rutherford e M'Cheyne - sempre foram os mais humildes entre os homens.

Novamente peço que meus leitores observem quão profundamente deveríamos ser gratos pelo glorioso evangelho da graça de Deus. Há um remédio revelado como específico para a necessidade humana, tão largo, extenso e profundo quanto a doença do homem. Não precisamos temer olhar o pecado, estudando-lhe a natureza, origem, poder, extensão e vileza, se ao menos contemplarmos, ao mesmo tempo, a toda-poderosa medicação que nos foi provida na salvação que há em Cristo Jesus. Embora o pecado tenha abundado, a graça superabundou. Sim, há um

30

Santidade

remédio pleno, perfeito e completo para a horrenda enfermidade do pecado no eterno pacto da redenção, do qual participaram o Pai, o Filho e o Espírito Santo; no Mediador desse pacto, Jesus Cristo, o justo, Deus perfeito e Homem perfeito em uma única pessoa, na obra por Ele realizada ao morrer pelos nossos pecados e ao ressuscitar, tendo em vista a nossa justificação, nos ofícios por Ele ocupados como o nosso Sacerdote, Substituto, Médico, Pastor e Advogado, no precioso sangue por Ele vertido, e que pode purificar-nos

de todo pecado, na retidão eterna que Ele nos trouxe, na perpétua intercessão em que Ele se ocupa, como nosso Representante, à mão direita de Deus, em Seu poder de salvar até na hora derradeira ao pior dos pecadores, e em Sua disposição de acolher e perdoar o mais vil e de dar apoio ao mais fraco, na graça do Espírito Santo que Ele implanta nos corações de todos quantos fazem parte de Seu povo, renovando-os, santificando-os e fazendo as coisas antigas passarem - tudo se torna novo. Sim, em tudo isso Ele se destaca; e quão breve e incompleto é o esboço aqui traçado! Sem dúvida alguma, horrível e tremenda é a visão correta do pecado; mas ninguém precisa desesperar dela, se, ao mesmo tempo, contemplar como deve a Jesus Cristo. Não admira que o antigo Flavel termine numerosos capítulos de sua admirável obra *Fontain of Life* (Fonte de vida), com estas tocantes palavras: "Bendito seja Deus por causa de Jesus Cristo".

Ao abordarmos este importante assunto, sinto que apenas toquei na sua superfície. Esse é um tema que não pode ser completamente manuseado em um volume como este. Aquele que quiser vê-lo exposto completa e exhaustivamente, deve examinar os mestres da teologia experimental como Owen, Burgess, Manton e Charnock bem como outros gigantes da escola puritana. Sobre assuntos como esses não há escritores que se comparem aos puritanos. Resta-me apenas salientar alguns usos práticos que podemos fazer da doutrina inteira do pecado, de modo proveitoso para estes nossos dias.

a. Em primeiro lugar, afirmo que o ponto de vista bíblico do pecado é um dos melhores antídotos para aquele tipo vago, nebuloso e indefinido de teologia, tão dolorosamente popular nesta nossa época. É inútil cerrar os olhos para o fato que há um cristianismo muito abundante em nossos dias que não pode ser tido como declaradamente distorcido, mas que, a despeito disso, não oferece boa medida e peso certo de mil gramas por quilo. Trata-se de um cristianismo no qual, inegavelmente, há "algo de Cristo, algo da graça, algo da fé, algo do arrependimento e algo da santificação", mas que não é a "mercadoria legítima",

conforme a encontramos na Bíblia: As coisas encontram-se fora de lugar e fora de proporções.

Conforme diria o idoso Latimer, trata-se de urna espécie de "mistura esquisita" que não traz nenhum bem. Não exerce influência sobre a conduta diária, não consola a vida e nem confere paz por

Pecado

31

ocasião da morte. Aqueles que a defendem, com frequência despertam tarde demais para descobrir que nada têm de sólido sob os pés. Ora, acredito que a maneira mais certa de curar e de corrigir essa modalidade defeituosa de religião consista em destacar com maior proeminência as antigas verdades bíblicas sobre a pecaminosidade do pecado. As pessoas jamais voltarão o rosto decisivamente para o céu, vivendo como peregrinas neste mundo, enquanto realmente não sentirem que estão em perigo de irem para o inferno. Procuremos todos reavivar o antigo ensino bíblico sobre o pecado, nas escolas, nos ginásios e nas universidades. Não nos esqueçamos de que "a lei é boa, se alguém dela se utiliza de modo legítimo", e de que "pela lei vem o pleno conhecimento do pecado" (1 Trn. 1:8; Rrn. 3:20 e 7:7). Ponhamos a lei de Deus em evidência e requeiramos que os homens lhe dêem atenção. Exponhamos e salientemos os Dez Mandamentos, e mostremos o comprimento, a largura, a profundidade e a altura de suas exigências. Assim fez nosso Senhor no Sermão da Montanha. Não podemos fazer melhor do que copiar o Seu plano. Cumpre-nos depender do fato que os homens jamais virão a Jesus e com Ele ficarão, vivendo para Ele, a menos que realmente saibam por qual motivo vieram, e qual é a grande necessidade deles. Aqueles que são atraídos a Jesus pelo Espírito são aqueles a quem o Espírito Santo convenceu de pecado. Sem urna completa convicção de pecado, pode parecer que os

homens estão vindo a Jesus, seguindo-O durante certo período de tempo, mas não demorarão a voltar-Lhe as costas, retornando ao mundo.

b. Em segundo lugar, o ponto de vista bíblico do pecado é o melhor antídoto para a teologia extravagantemente liberal e permissiva que anda tanto em voga na nossa época. A tendência do pensamento moderno é rejeitar os dogmas, os credos bem como toda forma de religião que impõe obrigações. Muitos pensam que reflete grandeza de espírito não condenar a opinião de quem quer que seja, definindo todos os mestres enérgicos e hábeis como dignos de confiança, por mais heterogêneas e destrutivas que sejam as suas opiniões. Tudo é considerado verdadeiro e nada é falso! Todos estão certos e ninguém incorre em erro! Todos, provavelmente, serão salvos e ninguém perdido! A expiação e a substituição de Cristo, a personalidade de Satanás, o elemento miraculoso das Escrituras, a realidade e eternidade da punição eterna, todas essas poderosas pedras de alicerce são friamente lançadas fora como refugio, a fim de aliviar a carga do navio da cristandade, permitindo-lhe manter o ritmo junto à ciência moderna. Se você tornar posição como defensor dessas grandiosas verdades, será taxado de estreito, iliberal, antiquado e fóssil teológico! Basta que você cite algum texto bíblico para que lhe digam que a verdade toda não está confinada às páginas de um antigo livro judaico, e que a livre investigação tem descoberto muitas coisas desde que aquele Livro foi terminado! Ora, não conheço outra coisa

32

Santidade

tão capaz de contrabalançar essa moderna praga como declarações a respeito da natureza, realidade, vileza, poder e culpabilidade do pecado.

Precisamos impressionar as consciências dos homens com esses amplos pontos de vista, requerendo respostas claras para perguntas claras. Precisamos pedir-lhes para dizer-nos

com toda a honestidade se as suas opiniões favoritas consolam-nos no dia da enfermidade, na hora da morte, à beira do leito de pais moribundos, ao lado do sepulcro de uma esposa ou de um filho amado. Precisamos perguntar-lhes se um zelo nebuloso, sem qualquer doutrina definida, é capaz de infundir-lhes paz em ocasiões como essas. Precisamos desafiá-los a dizer se algumas vezes não sentem "algo" que lhes rói por dentro, que toda a livre investigação, filosofia e ciência do mundo não consegue satisfazer. Então, precisamos informá-los que esse "algo" que lhes rói por dentro é o senso de pecado, de culpa e de corrupção que estão deixando fora de seus cálculos. E, acima de tudo, devemos dizer-lhes que coisa alguma será capaz de lhes conferir descanso, senão a submissão às antigas doutrinas da ruína humana e da redenção que há em Cristo, acompanhada pela fé simples e singela nEle.

c. Em seguida, o correto ponto de vista do pecado é o melhor antídoto para aquele tipo de cristianismo sensitivo, cerimonial e formal que tem varrido a nossa terra como um dilúvio nestes últimos vinte e cinco anos, levando tantos consigo. Posso acreditar que há muito de atrativo nesse sistema de religião para certo tipo de mente, enquanto a consciência ainda não for plenamente iluminada. Porém, quando essa admirável porção de nossa constituição, chamada consciência, realmente é despertada e viva, acho difícil crer que um cristianismo sensitivo e cerimonial seja capaz de satisfazer-nos inteiramente. Uma criança pequena com facilidade é aquietada com brinquedos coloridos e atrativos, com bonecas e reco-recos, enquanto ela não sente fome. Porém, uma vez que ela sinta no estômago as exigências da natureza, só poderá ser satisfeita com alimento. Sucede exatamente isso às almas humanas. Música, flores, velas, incenso, pendões, cortejos, belas vestimentas, confessionários e cerimônias arquitetadas pelo homem podem servir de paliativos sob certas circunstâncias e condições. Porém, uma vez que o indivíduo "desperte e se levante dentre os mortos", nunca mais se contentará com essas coisas. Elas lhe parecerão

baboseiras solenes e um grande desperdício de tempo. Uma vez que o homem enxergue o seu pecado, só se aquietará ante a visão do Salvador. Ele se sente ferido por uma doença mortal e coisa alguma é capaz de satisfazê-lo, senão o Grande Médico da alma. Ele tem fome e sede e exige nada menos do que o Pão da vida. 'Talvez eu pareça exagerado, mas aventuro-me intrepidamente a dizer que quatro quintos do semi-romanismo deste mais de um século, jamais se teria imposto entre o povo da Inglaterra, se lhe tivesse sido ensinado mais plena e claramente a natureza, vileza e pecaminosidade do pecado.

Pecado

33

d. Em seguida, um correto ponto de vista do pecado é o melhor antídoto para as teorias forçadas do perfeccionismo, acerca das quais tanto ouvimos falar nestes últimos tempos. Direi pouco a esse respeito, e espero não ofender ninguém com isso. Se aqueles que tanto frisam a perfeição nada mais querem do que chegar a uma posição coerente, dando cuidadosa atenção a todas as graças que compõem o caráter cristão, então não somente deveríamos tolerá-los, mas até concordar com eles em tudo. Que os nossos alvos sejam elevados a qualquer custo. Mas, se os homens apenas querem dizer que neste mundo um crente pode atingir total isenção de pecado, vivendo durante anos em ininterrupta e inquebrantável comunhão com Deus, passando meses sem terem ao menos um único mau pensamento, então, terei de dizer honestamente que essa opinião me parece totalmente destituída de base bíblica. E vou além. Afirmo que tal opinião é perigosa para aquele que a defende, tendendo por deprimir, desencorajar e impedir a aproximação de pessoas interessadas na salvação. Não encontro o menor apoio a essa ideia na Palavra de Deus, como se perfeição dessa natureza tivesse de ser esperada, enquanto vivemos neste corpo. Creio como verazes as palavras do décimo-quinto artigo da confissão de fé de nossa igreja:

"Só Cristo não tem pecado; e todos nós, os demais, embora regenerados e batizados em Cristo, erramos em muitas coisas, e, se dissermos que não temos pecado, estaremos nos enganando a nós mesmos e a verdade não estará em nós". Usando a linguagem de nossa primeira homilia: "Há imperfeições em nossas melhores obras; não amamos a Deus como estamos na obrigação de fazê-lo, com todo o coração, mente e forças; não tememos a Deus como deveríamos fazê-lo; não oramos a Deus senão com muitas e grandes imperfeições. Damos, perdoamos, cremos, vivemos e temos esperança de modo imperfeito; falamos, pensamos e agimos imperfeitamente; lutamos contra o diabo, o mundo e a carne de maneira imperfeita. Portanto, não nos envergonhemos de confessar abertamente o nosso estado de imperfeição". Uma vez mais afirmo que o melhor preservativo contra essa ilusão a respeito da perfeição, que perturba muitas mentes, é uma compreensão clara, completa e distinta sobre a natureza, pecaminosidade e caráter enganador do pecado.

e. Em último lugar, o ponto de vista bíblico do pecado mostra ser um admirável antídoto para os conceitos inferiores de santidade pessoal que tanto prevalecem nestes últimos dias da Igreja. Sei que esse é um assunto extremamente doloroso e delicado, mas não ousou evitá-lo. Há muito tem sido minha triste convicção que o padrão de vida diária, entre os cristãos professos está baixando cada vez mais. Temo que amor cristão, delicadeza, bondade, altruísmo, mansidão, gentileza, benignidade, abnegação, zelo pelo bem e separação do mundo são muito menos apreciados hoje em dia do que deveriam ser e do que costumavam ser nos dias dos nossos antepassados.

34

Santidade

Não posso pretender penetrar nas causas desse estado de coisas com grande profundidade, e só posso sugerir conjecturas para a nossa consideração. É possível que uma

certa profissão religiosa tornou-se em voga, sendo comparativamente fácil assumi-la nestes dias, de tal modo que as correntezas antes estreitas e profundas agora se têm tornado largas e rasas, e que ganhamos em aparência externa aquilo que perdemos em qualidade. É possível que a vasta multiplicação das riquezas materiais, nestes últimos decênios, tenha introduzido, de modo imperceptível para nós, a praga do mundanismo, da auto-indulgência, do amor ao lazer na vida social. Aquilo que antes era considerado um luxo agora são confortos e necessidades, e, em consequência, a auto-negação e a frugalidade são virtudes quase desconhecidas. Também é possível que as muitas controvérsias que assinalam a nossa época tenham ressecado sensivelmente a nossa vida espiritual. Com demasiada frequência temo-nos contentado com o zelo pela ortodoxia, negligenciando as sóbrias realidades da piedade prática na vida diária. Sejam quais forem as causas, devo declarar que minha própria crença é que o resultado está aí. Tem havido nos últimos anos rebaixamento dos padrões de santidade pessoal entre os crentes em relação ao que se via nos dias de nossos pais. O resultado inteiro é que o Espírito Santo está entristecido e a questão exige de nossa parte muita humilhação e sondagem de coração.

Quanto ao melhor remédio para esse estado de coisas que tenho mencionado, aventurar-me-ei a dar opinião. Outras escolas de pensamento, nas várias denominações cristãs, julguem por si mesmas. A cura dos membros de igrejas evangélicas, estou convicto, deve ser encontrada em uma mais lúcida apreensão da natureza e pecaminosidade do pecado. Não temos de voltar ao Egito e emprestar práticas semi-romanistas, a fim de dar novo impulso à nossa vida espiritual. Não precisamos restaurar o confessionário, nem retroceder para o monasticismo ou para o ascetismo. Nada de coisas dessa ordem! Tão-somente devemos arrepende-nos e praticar as primeiras obras. Precisamos regressar aos nossos princípios fundamentais. Devemos retornar às "veredas antigas". Precisamos assentar-nos humildemente na presença de Deus, considerando a questão inteira face a face,

examinando claramente aquilo que o Senhor Jesus intitula de pecado bem como aquilo que Ele chama de "fazer a Sua vontade". Em seguida, cumpre-nos procurar perceber que é terrivelmente possível a um crente viver de modo descuidado, sem vigilância, namorando com o mundo, ao mesmo tempo em que defende princípios evangélicos e se considera parte do povo evangélico! Uma vez que sejamos levados a perceber o pecado como muito mais vil, e que está muito mais apegado a nós do que supúnhamos, seremos igualmente levados a confiar, a crer e a nos aproximarmos mais de Jesus. Uma vez que nos tenhamos achegado a Cristo, haveremos de sorver mais profundamente de Sua plenitude, aprendendo melhor como o crente vi-e "a vida de fé" em

Pecado

35

Cristo, conforme Paulo exemplificou. Uma vez que aprendamos a viver a vida de fé em Jesus bem como a permanecer nEle, haveremos de produzir mais fruto, nos encontraremos mais dispostos e preparados para o cumprimento dos nossos deveres, mais pacientes sob as provas, mais vigilantes acerca de nossos pobres e fracos corações, e mais parecidos com nosso Mestre em todos os pormenores de nossa vida. Na proporção em que percebermos o quanto Cristo tem feito por nós, faremos um maior esforço para realizar mais em favor de Cristo. Tendo sido muito perdoados, amaremos muito. Em suma, será conforme diz o apóstolo: "... com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (II Co. 3:18).

Sem importar o que alguns queiram pensar ou dizer, não há dúvidas de que o senso crescente de santidade é um dos sinais dos tempos. Conferências que promovem a "vida espiritual" tornam-se cada vez mais comuns hoje em dia. O tema da "vida espiritual" é

tratado em congressos a cada ano. A atenção geral tem sido despertada por todo o país, pelo que nos deveríamos sentir gratos. Qualquer movimento que exalte os princípios do espírito, que ajudem a aprofundar a nossa visão espiritual, a aumentar a nossa santidade pessoal será uma verdadeira bênção para toda a Igreja. Isso contribuirá muito para estreitar os nossos laços e para curar as infelizes divisões existentes entre nós. Poderá trazer novos derramamentos da graça do Espírito, e ser "vida dentre os mortos" nestes últimos tempos. Porém, também tenho a certeza, conforme disse no começo deste capítulo, que devemos começar com humildade, se quisermos edificar alto. Estou convencido de que o primeiro passo para quem quer atingir elevado padrão de santidade é perceber plenamente a tremenda pecaminosidade do pecado.